JUVENTUDE, REDES SOCIAIS E CONSTRUÇÃO DE VALORES NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

ELIANE DE FÁTIMA FIGUEIREDO

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o impacto das redes sociais digitais na formação sociocultural dos jovens e suas implicações para as práticas pedagógicas na educação contemporânea. A juventude, inserida em uma sociedade globalizada e tecnológica, vive uma nova configuração de relações sociais e identitárias mediadas pelo ambiente digital. A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamenta-se em autores como Castells (2003), Bauman (2001), Moran (2015), Buckingham (2007) e Freire (1996), entre outros, para compreender como as mídias digitais influenciam os valores, as formas de convivência e os processos educativos. Conclui-se que a escola precisa se reposicionar diante das novas demandas trazidas pela cultura digital, adotando práticas pedagógicas que promovam o pensamento crítico, a ética e a autonomia dos estudantes.

Palavras-chave: Juventude, redes sociais, educação contemporânea, mídias digitais e formação de valores.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the impact of digital social networks on the sociocultural development of young people and their implications for pedagogical practices in contemporary education. Young people, immersed in a globalized and technological society, experience a new configuration of social and identity relations mediated by the digital environment. This bibliographical research draws on authors such as Castells (2003), Bauman (2001), Moran (2015), Buckingham (2007), and Freire (1996), among others, to understand how digital media influence values, forms of coexistence, and educational processes. The conclusion is that schools need to reposition themselves in light of the new demands brought about by digital culture, adopting pedagogical practices that promote critical thinking, ethics and student autonomy.

Keywords: Youth, Social networks, Contemporary education, Digital media, Value formation.

INTRODUÇÃO

A juventude ocupa, na atualidade, um lugar de destaque nos debates sobre cultura, tecnologia e educação. As rápidas transformações sociais, econômicas e comunicacionais do século XXI provocaram profundas mudanças nas formas de socialização, de produção de conhecimento e de constituição de valores. Entre os elementos mais marcantes desse cenário está a expansão das redes sociais digitais, que reconfiguram as interações humanas e influenciam diretamente os modos de aprender, conviver e se expressar. Trata-se de um fenômeno social que ultrapassa a dimensão técnica, alcançando esferas éticas, políticas e subjetivas, e que redefine os processos de formação humana.

Vivemos em uma sociedade marcada pela interconexão global e pela circulação constante de informações. O advento da internet e o surgimento das plataformas digitais transformaram profundamente a forma como os jovens se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o conhecimento. Conforme destaca Castells (2003), a era da informação inaugurou uma nova estrutura social a sociedade em rede, na qual os fluxos de comunicação e poder se organizam de maneira descentralizada. Nesse contexto, as redes sociais se tornaram espaços de construção de identidades e de expressão cultural, permitindo que os sujeitos compartilhem ideias, criem conteúdos e participem de comunidades simbólicas que extrapolam fronteiras geográficas.

No entanto, essas mesmas redes que ampliam a participação e a visibilidade também suscitam desafios significativos. Bauman (2001), ao tratar da modernidade líquida, observa que as relações sociais se tornaram frágeis e voláteis, o que repercute na forma como os jovens constroem vínculos e valores. A busca por pertencimento e reconhecimento, intensificada pela lógica

das curtidas e dos seguidores, evidencia uma dimensão emocional e simbólica da vida digital que precisa ser compreendida criticamente. Assim, a juventude contemporânea vive uma tensão constante entre autonomia e dependência, liberdade e vigilância, autenticidade e performance.

Nesse cenário, a escola enquanto instituição social e formadora enfrenta o desafio de lidar com uma geração que cresce conectada e que se constitui por meio de múltiplas linguagens, mídias e culturas. O espaço escolar, tradicionalmente centrado na transmissão do conhecimento e na autoridade docente, precisa repensar seus papéis diante de uma realidade em que a informação circula em tempo real e o estudante assume papel ativo na produção de conteúdos e significados. Como ressalta Moran (2015), o desafio da educação contemporânea é integrar o uso das tecnologias à prática pedagógica, não apenas como recurso didático, mas como meio de promover aprendizagens significativas, críticas e colaborativas.

A escola, nesse sentido, não pode se limitar a acompanhar o avanço tecnológico, mas deve atuar como mediadora cultural e ética, ajudando o estudante a interpretar o mundo digital de forma consciente e responsável. A discussão sobre juventude e redes sociais não se restringe ao campo tecnológico: envolve também questões socioculturais, políticas e axiológicas. As mídias digitais se configuram como arenas de socialização e de disputa de narrativas, onde circulam discursos, valores e ideologias que moldam as percepções dos indivíduos sobre si e sobre o outro. Nesses espaços, os jovens constroem identidades, reproduzem comportamentos, questionam normas e expressam valores, reafirmando ou contestando estruturas sociais preexistentes.

Do ponto de vista sociológico, compreender o impacto das redes sociais na formação da juventude significa compreender as dinâmicas contemporâneas de poder e pertencimento. Para autores como Pierre Bourdieu (1998), a escola e os meios de comunicação atuam como instâncias de reprodução simbólica, legitimando certas formas de capital cultural e marginalizando outras. No contexto digital, essa reprodução se complexifica, pois o capital simbólico passa a ser medido em curtidas, visualizações e engajamentos. Esse fenômeno redefine as noções de sucesso, status e reconhecimento entre os jovens, influenciando diretamente suas práticas e valores.

Por outro lado, a cultura digital também oferece possibilidades emancipatórias. Conforme argumenta Paulo Freire (1996), a educação é um ato político de libertação e diálogo. As redes sociais, quando utilizadas de maneira crítica, podem tornar-se ferramentas de expressão, de aprendizado coletivo e de mobilização social. Projetos pedagógicos que incorporam as mídias de forma reflexiva e participativa podem contribuir para a formação de sujeitos autônomos, criativos e socialmente engajados.

Este artigo, portanto, propõe refletir sobre a influência das mídias digitais na construção de valores e nas práticas pedagógicas contemporâneas, analisando como a cultura digital transforma as relações entre escola, professores e alunos. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamenta-se em referenciais da Sociologia da Educação, da Comunicação e da Pedagogia crítica, buscando compreender as interseções entre juventude, tecnologia e valores humanos.

A estrutura do trabalho organiza-se em três capítulos. O primeiro capítulo discute as concepções de juventude e sua relação com a sociedade contemporânea, abordando as transformações culturais e os processos de identidade. O segundo capítulo analisa o papel das redes sociais na formação sociocultural e identitária dos jovens, discutindo como esses espaços influenciam a construção de valores, comportamentos e percepções de mundo. O terceiro capítulo aborda as implicações dessas transformações para a prática pedagógica, refletindo sobre o papel do professor e da escola na mediação das experiências digitais e na formação ética e democrática dos estudantes.

Assim, espera-se que esta reflexão contribua para o debate sobre o papel da educação frente aos desafios da sociedade em rede, destacando a necessidade de uma prática pedagógica crítica, dialógica e humanizadora, capaz de articular tecnologia e for-

mação cidadã.

1. JUVENTUDE E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: IDENTIDADES E VALORES

Compreender a juventude no contexto atual exige reconhecer que este grupo social não é homogêneo nem estável, mas atravessado por múltiplas dimensões sociais, econômicas, culturais e simbólicas. A juventude é uma categoria social e histórica, construída de acordo com as condições materiais e os valores de cada época (DAYRELL, 2003).

Na contemporaneidade, marcada pela globalização e pelo avanço tecnológico, os jovens vivem em um contexto de fluxos constantes de informação, consumo e experiências culturais. Segundo Zygmunt Bauman (2001), a modernidade líquida é caracterizada pela fluidez das relações e pela fragilidade dos vínculos sociais. Nesse cenário, os jovens enfrentam o desafio de construir identidades em meio à instabilidade e à efemeridade das referências culturais.



FOTO 1: Juventude e sociedade Moderna. Fonte: Portaleducação

A identidade, antes ancorada em instituições estáveis como família, escola e religião, hoje se constrói por meio de processos híbridos e fragmentados. Stuart Hall (2006) aponta que as identidades contemporâneas são mutáveis e transitórias, formadas por meio das interações e das representações sociais mediadas pela mídia. As redes sociais digitais intensificam esse processo, possibilitando que os indivíduos projetem múltiplas versões de si mesmos, em um jogo constante entre o real e o virtual.

A juventude, nesse sentido, se constitui como um grupo profundamente influenciado pela cultura digital, que redefine valores, hábitos e linguagens. A sociabilidade juvenil contemporânea é marcada pela conectividade e pela busca por visibilidade. Como afirma Castells (2003), vivemos na era da informação, em que as redes são a estrutura dominante das relações sociais e a base de uma nova forma de poder — o poder da comunicação.

No entanto, a expansão das redes digitais não elimina as desigualdades sociais. Ao contrário, pode reforçar a exclusão daqueles que não têm acesso aos meios tecnológicos ou que não possuem competências críticas para interpretar os conteúdos. Assim, falar de juventude na era digital é também discutir as tensões entre inclusão e exclusão, autonomia e alienação, participação e manipulação.

No campo dos valores, observa-se um processo de pluralização moral. A convivência entre diferentes culturas e modos de vida exige novas formas de convivência ética e de respeito à diversidade. Contudo, as redes sociais, ao mesmo tempo em que ampliam as possibilidades de diálogo, também se tornam espaços de disseminação de discursos de ódio, fake news e intolerância. A escola, portanto, precisa atuar na formação ética e cidadã, promovendo o diálogo, o pensamento crítico e o respeito às diferenças.

A construção das identidades das juventudes na sociedade contemporânea assumiu a forma de uma experimentação infindável. Ela é formada e reformada na incerteza, na velocidade, na exaustão, entre o sonho e o pesadelo. A busca, a escolha, a construção e a confirmação acontecem dentro de um determinado espaço social, cultural, educacional, onde a identidade funde-se em pontos de representação no mundo. Se funde no individualismo e no coletivo, muitas vezes, no visível e/ou no invisível (DUMKE, 2021).

A construção das identidades das juventudes contemporâneas é construída também na escola. A identidade se forma e se reforma no espaço da educação, quando acontece a relação com outras pessoas, nas trocas e com os desafios no mundo. Se a identidade for pensada em espaços dialógicos ou em

meio aos conteúdos da pedagogia bancária, é nesse universo que os sujeitos irão construir suas relações. Indiferente do contexto, é em meio às relações que as identidades ganham forma. Em virtude de o jovem deixar sua condição de jovem no portão da escola, e assumir uma condição de aluno, assim também, veste uma identidade de aluno (DUMKE, 2021).

É notável que as identidades contemporâneas são construídas em permanente interação entre o eu e a sociedade. Mesmo em constante transformação, "[...] o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem" (HALL, 2005, p. 11). As mudanças se apresentam claramente. "O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades contraditórias ou não resolvidas" (HALL, 2005, p. 12).

2. REDES SOCIAIS E FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DOS ESTUDANTES

As redes sociais digitais, como Instagram, TikTok, YouTube, X (antigo Twitter) e outras plataformas, são hoje os principais meios de interação entre os jovens. Elas moldam comportamentos, influenciam modos de pensar e determinam práticas de consumo e de comunicação. Segundo Buckingham (2007), a mídia não é apenas um canal de informação, mas um ambiente formador, no qual os indivíduos aprendem valores, significados e modos de ver o mundo.

O estudante contemporâneo está imerso em um universo de estímulos visuais e simbólicos, em que a comunicação se dá de forma rápida, fragmentada e multimodal. A cultura digital valoriza a imagem, o imediatismo e a performance. Essa lógica afeta as práticas de leitura, a atenção e a própria relação com o conhecimento. Conforme Moran (2015), as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de aprendizagem, mas exigem novas formas de mediação pedagógica, mais interativas e colaborativas.

A construção de valores e identidades ocorre, em grande medida, nas redes, onde os jovens buscam reconhecimento e pertencimento. Pierre Lévy (1999) destaca que o ciberespaço é um espaço coletivo de produção de sentido, no qual a inteligência é compartilhada e o saber é distribuído em rede. Entretanto, essa mesma dinâmica pode gerar superficialidade e alienação, se não for acompanhada de processos educativos críticos.

A influência das redes na formação sociocultural manifesta-se também nos modelos de comportamento e nas referências simbólicas. As celebridades digitais, influenciadores e criadores de conteúdo tornaram-se figuras centrais na construção de imaginários juvenis. Como analisa Lipovetsky (2005), a sociedade do hiperconsumo valoriza a aparência e a satisfação imediata, transformando os indivíduos em consumidores de experiências e estilos de vida.



FOTO 2: Uso de recursos educacionais digitais do Ministério da Educação. Fonte: Movplan

Dessa forma, a formação dos estudantes contemporâneos ocorre em um contexto marcado por paradoxos: acesso ilimitado à informação, mas dificuldade em filtrar e compreender criticamente os conteúdos; ampliação das possibilidades de expressão, mas vulnerabilidade à manipulação e à padronização cultural. A educação precisa enfrentar esses dilemas, ajudando o jovem a desenvolver competências digitais, cognitivas e éticas para lidar com a complexidade do mundo conectado.

É notável que as novas ferramentas virtuais favoreçam consideravelmente a comunica-

ção entre sujeitos. Lévy (2009) salienta que o ciberespaço concede o ajustamento de muitos dispositivos e interfaces interativos, que possibilita a co-construção, tais como: o correio eletrônico, as conferências eletrônicas, o hiperdocumento compartilhado, os conjuntos avançados de aprendizagem ou de funções cooperativas (FERREIRA, 2024).

Nessa interação virtual entre pessoas, apresentam-se muitas formas de comunicação, entre estas o e-mail, que é, com certeza, um dos mais utilizados no ciberespaço, que é o universo das redes digitais. Lévy (1999, p. 93) define "o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores". Nessa perspectiva, entendemos que, com a difusão do e-mail, diminuiu-se a utilização de cartas escritas a punho, pois a adesão dos correios eletrônicos se tornou cada vez mais usual no ciberespaço (FERREIRA, 2024).

Dessa forma, inferimos que os adeptos dessa ferramenta digital, de certo modo, contribuem para a preservação do meio ambiente, sendo que, com o uso tradicional do correio, para escrever um texto curto, teríamos de gastar uma folha de papel, implicando assim a necessidade maior de matéria-prima, causando mais desmatamento florestal (FERREIRA, 2024).

Recuero (2009) ressalta que entender redes sociais, portanto, é analisar os padrões de conexões vistos no ciberespaço. É usar uma metáfora em sua estrutura para compreender unidades dinâmicas e de formação dos grupos sociais. Quando acessamos as redes, estamos diante de um universo cultural, pois as pessoas apresentam diversas manifestações distintas, tornando um ambiente virtual mistificado, onde as pessoas aceitam as ideias, as tendências, pois não há um padrão a ser seguido. (NEVES, 2014, P.72).

Quando analisamos pelo fator crítico da leitura, Freire (1989) ressalta que não fazemos leituras somente para decodificar, mas para apressar a nossa compreensão. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica promove a percepção das relações entre o texto e o contexto. Isso implica seu conhecimento de mundo, sua concepção acerca do que o texto representa, em termos de funcionalidade social, econômica e política. Em suma, é pertinente dizer que a leitura começa quando termina, pois é a partir desse momento que conseguimos tecer alguma análise a respeito da representação do texto. Com essa base, o leitor consegue configurar suas percepções cognitivas, criando novas formas de enxergar o sentido textual (FERREIRA, 2024).

3. AS MÍDIAS DIGITAIS E OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS NA ESCOLA

A presença das tecnologias digitais no cotidiano escolar exige uma profunda reflexão sobre o papel da escola e dos professores. Se antes o professor era o principal detentor do conhecimento, hoje ele assume o papel de mediador, orientador e curador de informações (FOTO 2) . A prática pedagógica, nesse novo contexto, deve articular o uso das mídias com a formação crítica e ética dos estudantes.

De acordo com Kenski (2012), as tecnologias, quando integradas ao currículo de forma planejada, podem ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem, tornando o aluno protagonista do processo educativo. Contudo, o simples uso de recursos digitais não garante inovação pedagógica. É necessário desenvolver uma educação midiática, que ensine o estudante a compreender, questionar e produzir conteúdo com responsabilidade social.

A escola enfrenta também o desafio de lidar com o choque de gerações. Enquanto os jovens são nativos digitais, os professores pertencem a uma geração formada em paradigmas analógicos. Essa diferença de repertórios pode gerar conflitos, resistências e inseguranças. Nesse sentido, a formação docente continuada é essencial para que os educadores possam incorporar criticamente as tecnologias em suas práticas.

Além disso, a escola deve se afirmar como espaço de formação ética e cidadã, contrapondo-se à lógica individualista e consumista predominante nas redes. Paulo Freire (1996) já afirmava que educar é um ato político, e o papel do educador é favorecer a leitura crítica do mundo. Assim, o uso das mídias na escola deve estar a serviço da

emancipação, e não da reprodução de desigualdades ou estereótipos.

Outro ponto crucial é o combate à desinformação e ao discurso de ódio nas redes. Cabe à escola promover o letramento digital, a empatia e o diálogo. Segundo Santaella (2018), vivemos na "cultura das mídias", e a alfabetização contemporânea deve incluir a capacidade de compreender criticamente textos multimodais imagens, vídeos, memes, sons que compõem o cotidiano digital.

A escola precisa ressignificar seu papel na formação de valores. Em tempos de hiperconectividade e superficialidade, a educação deve valorizar o pensamento crítico, o respeito, a solidariedade e a consciência coletiva. A construção de valores éticos na era digital é uma tarefa compartilhada entre escola, família e sociedade, e exige práticas pedagógicas que integrem tecnologia e humanismo.

Diante do avanço tecnológico, cada vez mais, os alunos tendem a optar a estudar por um caminho que esteja relacionado às novas ferramentas digitais. É relevante mencionar que, devido a esse universo em que muitos jovens estão inseridos, é preciso saber se não há um comprometimento linguístico por parte dos alunos, pois podem estar usando a sua escrita de uma forma equivocada, quando se fala de se redigir frases em ambientes virtuais, exemplo disso, são as redes sociais. Nesse sentido, evidenciamos na comunicação virtual que muitas pessoas estão frequentemente usando a linguagem coloquial, recheada de abreviações. Isso é recorrente e reflexo da cultura de um povo que está pensando somente em se comunicar, sem sequer preocupar-se com a forma da escrita.

As tecnologias digitais ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social. A natureza, motivos, prováveis e possíveis desdobramentos dessas alterações, por sua vez, são extremamente complexos, e a velocidade do processo tem sido estonteante. Diante de um tal quadro, é difícil resistir à tentação do determinismo tecnológico, que traduz em respostas encantadoramente simples a máxima de que a tecnologia define a sociedade (RECUERO, 2009, p.12).

Nesse sentido, o que se vê nos espaços virtuais é a presença de uma linguagem pouco formal, e sim bem despojada. É perceptível que ninguém mais se preocupa com os padrões linguísticos. De acordo com Bagno (2002), essa padronização está declinando. Entretanto, os padrões citados são frequentemente regras de ortografia ou pontuação, ou outros aspectos muito superficiais da escrita, etc. Diante dessa abordagem, podemos relatar que a maioria dos jovens estão pouco preocupados com a maneira como deveriam escrever nas redes sociais, por ser um âmbito público, pois quase todo mundo tem acesso a esse.

As pessoas devem ter mais atenção com que publicam na rede, uma vez que a sua escrita transparece a sua imagem pessoal. Contudo, é necessário levar em conta que há uma questão chamada variante linguística, que difere de um lugar para outro, geograficamente, socialmente, politicamente ou economicamente falando, isso quando nos referimos à forma de se expressar do sujeito, que é totalmente diferente do que diz respeito a sua escrita, que precisa ser seguida conforme as diretrizes gramaticais. (BAGNO, 2002, p.212).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude contemporânea encontra-se imersa em um cenário social e cultural profundamente transformado pelas tecnologias digitais. A velocidade das informações, a interatividade e a multiplicidade de linguagens próprias das redes sociais configuram novas formas de viver, aprender e se relacionar. As mídias digitais, ao mesmo tempo em que ampliam as possibilidades de comunicação e de expressão, também produzem novas formas de dependência, exposição e conflito de valores. Nesse contexto, compreender a juventude é compreender o modo como os sujeitos se constroem nas tramas do mundo digital, entre o real e o virtual, o individual e o coletivo, o efêmero e o permanente.

A escola, enquanto instituição social, não pode permanecer indiferente a essa realidade. Sua função educativa transcende a simples transmissão de conteúdos: trata-se

de um espaço de formação integral, no qual o estudante deve aprender a ler criticamente o mundo inclusive o mundo digital. Cabe à escola o papel de promover o desenvolvimento de sujeitos autônomos, criativos e éticos, capazes de utilizar as tecnologias de forma consciente e emancipadora. Como defende Paulo Freire (1996), a educação deve ser um ato de libertação e diálogo, e isso implica reconhecer o potencial pedagógico das mídias sem negligenciar o compromisso com a reflexão crítica e com a humanização.

O desafio da educação contemporânea consiste em reconciliar tecnologia e humanismo, unindo a inovação ao pensamento crítico e à construção de valores éticos e democráticos. As redes sociais podem e devem ser incorporadas à prática pedagógica como instrumentos de criação, de colaboração e de cidadania, desde que orientadas por princípios éticos e pedagógicos sólidos. A escola tem, portanto, a responsabilidade de transformar o espaço virtual em um território educativo, capaz de inspirar o diálogo, a solidariedade e o compromisso social.

Conclui-se que uma educação crítica, inclusiva e participativa representa o caminho mais promissor para que as redes sociais deixem de ser apenas vitrines de consumo e passem a ser espaços de encontro, reflexão e transformação. Ao reconhecer o protagonismo juvenil e valorizar o diálogo entre saberes, a escola pode reafirmar sua função essencial: formar cidadãos conscientes, éticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUCKINGHAM, David. Educação midiática: alfabetização, aprendizagem e cultura contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DAYRELL, Juarez. A juventude como categoria social. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DUMKE, Joel Luis. A Formação das Identidades das Juventudes Contemporâneas, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/eduteo/v23n43/v23n43a05.pdf Acesso em 11 de outubro 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2012.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

MORAN, José. A integração das tecnologias na educação escolar. São Paulo: Papirus, 2015.

NEVES, André de Jesus. Cibercultura e Literatura Identidade e Autoria em Produções Culturais participatórias e na Literatura de Fã (fanfiction). Jundiaí, paco Editorial: 2014.

SANTAELLA, Lúcia. A cultura das mídias. São Paulo: Paulus, 2018.